

MALBA TAHAN: HOMEM E PERSONAGEM

HELD, Helder Macedo de (Mestrando)

Universidade Estadual Paulista – Unesp
Faculdade de Ciências e Letras de Assis
heldhist@yahoo.com.br

Criador e criatura, uma fusão que gerou um marco da nossa literatura. Árabe e brasileiro, uma mistura que lhe rendeu notoriedade. Produto e produtor de si, fenômeno do qual não se desvinculava sua identidade. Júlio César de Mello Souza e Malba Tahan transformaram-se em um só, com o último postulando abaixo do primeiro somente no RG do autor. Mello e Souza assume a identidade de Malba Tahan, seus livros e parte da sua produção intelectual é assinada como árabe.

A história postula ao historiador a discussão do papel desempenhado pelo indivíduo na história, essa preocupação torna evidente a sua relação com a coletividade, com o grupo que o cerca. Ao voltar seu olhar e tenção às histórias de vida, o estudioso do passado favorece seu conhecimento do cenário social constituído no período, torna os estudos das biografias um meio de conhecer as ligações construídas entre o indivíduo e o seu contorno.

Uma biografia diferente, imaginada por Júlio César de Mello e Souza, nome de expoência no início e meados do século passado no ensino da matemática. Sua eloquência e formação o levaram a dedicar tempo e imaginação para as páginas de jornais, e mais tarde a serviço de editoras, histórias cuja temática era o oriente, das quais o fictício redator era um árabe de nome esquisito, Malba Tahan.

Como argumenta Levillan, a biografia deve ser utilizada como forma de argüir sobre a sociedade que envolve o biografado, cuja validade histórica está no fato de

servir ao historiador como um documento que facilita o entendimento do entorno do indivíduo. (2003, p.178) O retorno deste gênero é a recolocação dos atores sociais que, efetivamente, influenciaram as transformações de um grande número de sujeitos na sociedade.

Em entrevista ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, Mello e Souza disse ter feito uma mistificação literária, “é quando (...) o escritor faz uma obra que atribui a um outro escritor, vivo, (...) real ou imaginário (...)”¹ Essa mistificação ganhou vulto e notoriedade, com o apoio de editores com os quais trabalhou – entre elas Francisco Alves, Civilização Brasileira e Cia. Editora Nacional – e pelo esforço em divulgação de suas obras em jornais de grande circulação – o uso do jornal como um caminho para atingir, a priori, um maior número de leitores² – ou ainda, nas parcerias com outros autores, principalmente em obras de caráter didático.³

A simultaneidade das identidades assumidas pelo autor aparece na simultaneidade das práticas discursivas presentes nos mais diferentes “embates” sociais de que participava. Foi um dos precursores de novas formas do ensino de matemática, ao sugerir um estudo mais pragmático da mesma; participou ativamente na formação da disciplina Matemática durante a Reforma Campos – um dos primeiros movimentos para a modernização ensino no país; foi literato condecorado pela Academia Brasileira de Letras e imortal da Academia Carioca de Letras; foi professor do ensino secundário no Colégio Pedro II e Professor da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro; participou do Movimento da Escola Nova, além de atuar como colunista em jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, como n’O Imparcial e na Folha da Noite.⁴

¹ Segundo depoimento ao Museu da Imagem e do Som no ano de 1973.

² Segundo SIQUEIRA FILHO (2008, p.47), a prática de divulgação de escritores e textos diferente dos com funções de notícia decorre, no Brasil, do século XIX, quando romances, crônicas, poesias e novelas passam a fazer parte dos assuntos tratados nos jornais.

³ Com o programa de educação básica desencadeada por Getúlio Vargas, o mercado editorial ampliou de forma rápida, o que possibilitou a criação de um público leitor no país, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro. (SIQUEIRA FILHO, 2008, p.126)

⁴ Entre outros podemos citar O Cruzeiro, A Noite Ilustrada, Almanaque d’O Tico Tico e Correio da Manhã.

Ao analisar o arquivo pessoal de Mello e Souza, SIQUEIRA FILHO defende que o autor ao escolher o que, e como, arquivaria em seu “arquivo” pessoal, estaria construindo sua identidade para si e para os outros: “Sendo ele professor-autor, a organização de um *archivo* lhe possibilitaria produzir discursos, capazes de mostrar sua importância à sociedade e articular poder e saber, mas para produzir saber, deveria tomar parte em relações assimétricas de poder”. (2008, p.177)

Para embasar seu pensamento, utiliza De Certeau ao falar em práticas cotidianas como uma apropriação inventiva e criativa que o indivíduo faz dos usos e costumes produzidos e construídos nas relações sócio-culturais, utilizados para fomentar outros modos de existir (SIQUEIRA FILHO, 2008, p.179). Essa prática pode ser percebida como a constituição de um querer; o querer de ser aquilo que deseja ser. Suas obras didáticas, as revistas nas quais escreveu e/ou criou, os jornais, os discursos proferidos, suas palestras e depoimentos arquivados lhe outorgam lugares de poder e explicitam sua vontade.

Dentro da constituição destas vontades, podemos observar a manutenção e o delineamento do que deveria ser lembrado de Malba Tahan, selecionando o material que considerava importante, conduzindo, dessa maneira, o processo de construção de uma identidade, por ele e pelos que acessam seu arquivo. Contudo, é observável, da mesma forma o anseio do não esquecimento da figura de Júlio César de Mello e Souza. Malba Tahan existia, caminhava, escrevia e discursava, não obstante, no corpo e nas possibilidades biológicas de Mello e Souza.

Ao encarnar um árabe que gostava de matemática, inspirado pelos contos de “As Mil e Uma Noites”, quem carregava, como um camelo a um beduíno, era um professor que nunca tocou os pés em solo oriental, grande conhecedor da matemática e da cultura daqueles que se tornou um dos grandes propagandistas, gerindo um dos maiores

exemplares do binômio ciência-imaginação. Criatura ao passo que sua fama o internacionalizou como Malba Tahan, professor e catedrático incorporou o personagem que criara. Seus ex-alunos e aqueles que receberam formação do mesmo ainda o denominam Malba Tahan e outros desconhecem a existência de seu criador.

Sérgio Lorenzato ao narrar um curso de Mello e Souza na cidade de São Carlos assinala o seguinte: "Apesar de Malba Tahan ter escrito muitos romances, uma de suas maiores preocupações sempre foi contribuir para a melhoria do ensino da Matemática." (LORENZATO, 1995 p. 96) A personificação do personagem, ou a mistificação do sujeito demonstra como o homem Júlio César de Mello e Souza, construiu a biografia de seu personagem, mas como também fez parte da mesma:

Era Julho de 1958. Todos os três jornais de São Carlos (SP) noticiaram a chegada de Malba Tahan que, durante 12 dias, iria ministrar cursos de extensão a professores.(...) No primeiro dia de aula, o mestre, como sempre o faria, chegou caminhando tranquilamente, mas com passos firmes e coluna erecta. Ele se vestia impecavelmente e seu jaleco era da cor de seus alvos cabelos.(...) Para sua primeira aula, Malba Tahan escolheu o estudo dos "métodos obsoletos" de ensino, comparativamente aos "métodos progressistas". (LORENZATO, 1995, p. 98)

Lorenzato ao narrar a experiência de contato com o autor, não o diferencia de sua criação, isso advém da vontade do próprio Mello e Souza, como símbolo de seu reconhecimento, conseguiu autorização para poder assinar e ter uma Carteira de Identidade cujo nome aparece Malba Tahan.

Em entrevista concedida a Silveira Peixoto⁵ e a Monteiro Lobato e descrita no Terceiro Volume da obra “Falam os Escritores” em 1941, Mello e Souza narra o nascimento de Malba Tahan:

“O caminho, então, seria tratar de escrever com um pseudônimo estrangeiro. Pensei mais sobre o caso. Qual o pseudônimo a adotar? Deveria ser um que tivesse todo cunho de realidade. Americano? Mas não. Queria um pseudônimo que se conformasse bem com o caráter dos trabalhos que pretendia escrever... Seria um árabe.

- Por quê?

- O árabe é homem que faz poesia a propósito de tudo. Suas atitudes sempre são romanescas. Não compreende a vida sem a poesia. Mas o pseudônimo não deveria ser nem masculino e nem feminino. Teria de ser sonoro. Teria de dar a necessária impressão de perfeita autenticidade. Na Escola Normal, havia uma aluna com um sobrenome interessante: Maria Tahan. Simpatizei-me com esse Tahan. Perguntei-lhe que queria dizer. "Moleiro" - respondeu-me ela. Fui, dias depois, descobrir num mapa da Arábia, o nome de uma cidade - Malba, aldeia perdida na Arábia Pétria ...

- E nasceu Malba Tahan ...

- Que, como vê, pode ser traduzido por "moleiro de Malba". Comecei, então, a estudar a civilização árabe. Li Gustavo Le Bon, comprei o Alcorão, numa edição comentada, percorri as obras de Massoudi. Tomei um professor de árabe: o dr. Jean Achar. Tempos depois, quando já havia me enfrornado nas coisas do Oriente, procurei Irineu Marinho, a esse tempo um dos diretores de A Noite. Apresentei-lhe uns trabalhos de Malba Tahan. Disse-lhe que se tratava de um escritor árabe; acentuei que eu apenas havia traduzido alguns de seus trabalhos.”⁶

⁵ **José Benedito Silveira Peixoto**, N. São Paulo/SP 1909, jornalista, estudou Direito em Niterói/RJ. Iniciou a carreira jornalística aos 16 anos, em Taubaté, São Paulo, onde passou a infância e a adolescência. Foi redator e colaborador em muitos jornais do Rio de Janeiro, de São Paulo e do interior paulista, assim como das revistas "Vamos Ler" e " Carioca". Foi professor na escola de jornalismo Cásper Líbero e no curso de Jornalismo no Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo. Foi também tradutor e autor de literatura infantil. (MENEZES, 1978, p.235)

⁶ PEIXOTO, Silveira. Falam os Escritores. 3.v. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1971-1976.

A mesma entrevista ainda reserva-nos a descrição que Silveira Peixoto faz de Malba Tahan e não de Mello e Souza:

“A porta do apartamento entreabre-se. Alto. magro, moreno cor de azeitona, cabelos muito negros, um sorriso amável dependurado nos lábios, aparece-me, ainda em mangas de camisa, um rapagão.

- Doutor Melo e Sousa está?

- *Sou eu mesmo.*

- Você?! É o Malba Tahan?

- *Isso. Você é o Silveira Peixoto?*

Apertamos as mãos. Alguns instantes mais, somos íntimos. Explica-se: há muito eu o conhecia; e Júlio César de Melo e Sousa é desses temperamentos acessíveis, cordiais e simples, que sabem estabelecer, em minutos, a desejada comunicação com os que deles se aproximam. Conta-me, quando já está vestindo o paletó, que é paulista:

- *Nasci em Queluz...*

- Quando?

- *Isso é entrevista?* -

- Claro.

- 6 de maio de 1895.

- Você tem quarenta e seis anos?!

- *Quarenta e seis.*

- Pois, francamente, não parece.”⁷

A criação toma conta do criador ao passo que o entrevistador o chama pelo nome, “Doutor Mello e Souza”, contudo, surpreende-se ao saber que está na presença de Malba Tahan. O criador mistura-se na vida de sua criação ao atender e responder como o árabe, contudo, toma como referências biográficas seus próprios dados. Isto quer dizer que embora toda biografia tenha pretensão à totalidade da vida de um homem, é, necessariamente, lacunar. Dificilmente se encontram informações, por exemplo, atos e pensamentos da vida cotidiana, de dúvidas e incertezas, do caráter fragmentário e dinâmico da identidade do indivíduo e dos momentos contraditórios de sua constituição.

⁷ Idem.

Em muitas de suas obras, a biografia de Malba Tahan aparece para dar maior veracidade à ideia de que o mesmo é um autor árabe e não brasileiro e, acima de tudo, um autor real. A descrição da vida do autor a seguir foi publicada no jornal A União de João Pessoa, Paraíba. O texto publicado em 13 de setembro de 1933 foi redigido como forma de divulgação do lançamento do livro *Lendas do Oásis*, pela Editora Civilização Brasileira⁸, texto integrante do prefácio do livro⁹:

“Conheceis a história de Malba Tahan. É das mais interessantes (...) famoso escritor árabe, descendente de uma tradicional família muçulmana, nasceu no dia 06 de maio de 1885 na aldeia de Mazalit, nas proximidades da antiga cidade de Meca. (...) A convite de seu amigo o Emir Abd El Azziz bem Ibrahim, exerceu Malba Tahan, durante vários anos, o cargo de *quaimaquam* (prefeito) na cidade árabe de El-Medina, tendo desempenhado as suas funções administrativas com rara inteligência e habilidade. Conseguiu mais de uma vez, evitar graves incidentes entre os peregrinos (...) e procurou sempre dispensar valiosa e desinteressada proteção aos estrangeiros ilustres que visitaram os lugares sagrados do Islam. Pela morte de seu pai, em 1912 (...) iniciou uma longa viagem através de várias partes do mundo. (...) Foi ferido em combate (julho de 1921), nas proximidades de El Riad, quando lutava pela liberdade de uma pequenina tribo da Arábia Central (...)”
(SIQUEIRA FILHO, 2008, p.41)

A criação do personagem que virou autor, ou do autor que acabou por virar personagem, insere-se num contexto ímpar na história da sociedade nacional. Como um criador de bens simbólicos, identidades e alteridades, num período marcado pela busca e diferenciação entre o novo e o velho. O discurso empregado ia de encontro aos interesses nacionais, no que tange ao modelo de homem, requisitos para servir a pátria, não obstante, apresenta como diferencial a amostra dos personagens de contexto oriental

⁸ Segundo SIQUEIRA FILHO (2008, p.41) o livro era comercializado a 5\$000 (cinco mil réis).

⁹ Júlio César de Mello e Souza utilizou com frequência páginas de jornais e revistas para fazer propaganda de suas obras literárias, assim como, de seus livros de matemática.

árabe. Indivíduos alienígenas da política imigratória do governo Vargas, mal vistos por sua origem não européia.

A questão imigratória no governo Vargas foi tratada e discutida a partir de três elementos: o trabalho, as teorias eugenistas e a segurança nacional em relação às colônias estrangeiras. Até o início da Constituinte [1934] a maior atenção do discurso oficial estava voltada para o combate ao desemprego através do controle da imigração e da proteção ao trabalhador nacional. (GERALDO, 2007, p.103)

Contudo, a farsa artística de Mello e Souza não ficaria escondida por muito tempo. A figura do árabe escritor foi revelada oito anos depois do lançamento do seu primeiro livro¹⁰, em 1925, *Contos de Malba Tahan*¹¹. Em 1933, contudo, a poetisa Rosalina Coelho Lisboa, constatou que Radiales Kipling, indicado como tradutor da obra “Sama-Ullah, contos orientais”, nunca fizera aquele tipo de trabalho. Mello e Souza, por distração, provocação ou mesmo numa tentativa de ser reconhecido, havia colocado em um de seus livros uma relação das “Obras de Malba Tahan”, com informações sobre tradutores (DEPOIMENTO de Malba Tahan, 1973, Museu da Imagem e do Som)

O reconhecimento do autor levou a um furor que chegou aos rincões do país, como destaca SIQUERIA FILHO, ao apresentar em seu doutoramento duas citações de um jornal de Manaus que destaca a descoberta da farsa e uma outra, de um jornal de Natal que, mesmo após a divulgação da farsa, enaltece a figura do árabe. O que no permite inferir sobre o reconhecimento do interesse do público leitor a qual havia

¹⁰ O título da primeira publicação em livro do autor remete ao título homônimo de uma coluna que publicou no jornal Folha da Noite. O proprietário do jornal, Irineu Marinho, conhecia a mistificação literária, contudo, apoiou a ideia de criar um novo autor Mello e Souza e não divulgou o seu conhecimento do caso.

¹¹ Contos publicados: A pequenina lua azul; A última vontade do rei Hibban; O nariz do rei Mahendra; O castelo das mil e tantas luzes; O livro do destino; A sombra do cavalo; O tesouro de Brésa; O elefante furioso (parábola hindu); O sábio da Effelgia; Devoradores de Reis; O homem que tudo achava; A primeira pedra; O castigo; Protocholovsky; Um caso de medicina; Kitab, o gênio; A bossula; A sopa; O avestruz contrabandista; O homem prodigioso; Sassevará; Peregil e o velho do camelo; Bom, mas não muito. Destes, os seis primeiros já haviam aparecido no jornal Folha da Noite

alcançado o escritor-personagem, da mesma forma, a importância das páginas dos jornais para a manutenção, criação e propaganda dos textos de Tahan, assim como, a aceitação, mesmo longe dos grandes centros editoriais, dos contos que escrevia.(2008, p.44)

O jornal do Comércio, de Manaus, um dos jornais nos quais Malba Tahan divulgava seus contos, chegou a apresentar, em dois dias consecutivos, versões diferentes sobre a identidade do autor da obra que estava sendo lançada, *Lendas do Deserto*. No primeiro dia, os elogios recaíram sobre Malba Tahan:

Malba Tahan! Quem não conhece, no Brasil, a poderosa phantasia e a graça seductora desse Kalifa das *Mil e uma noites*, cujas histórias têm o perfume de terras exóticas? [...] Uma linda capa de H. Cavaleiro, onde se ve uma mulher branca ouvindo a confissão de um chefe árabe num oásis, completa o valor do volume que acaba de nos dar *Lendas de Oásis* [...] ¹² (SIQUEIRA FILHO, 2008, p.45)

No segundo dia o mesmo jornal apresenta a seguinte nota:

Malba Tahan não é o oriental que todos pensam. Brasileiro, tem, porém, um carinho immenso por tudo quanto nos vem daquellas terras distantes com o sabor de um pittoresco suprehendente. Os contos, que aos domingos ilustram a edição desta folha, fallam bem do que é o artista que se esconde sob aquella pseudonyma. *Lendas do Oásis*, que a Civilização Brasileira lançou agora, é mais uma obra prima do consagrado escriptor [Júlio César de Mello e Souza]. ¹³

Contudo, mesmo depois de divulgado que Malba Tahan não existia e que era um pseudônimo, sua notoriedade e reconhecimento pouco ou nada foram abalados. É o que

¹² Nota publicada em 28 de setembro de 1933.

¹³ Nota publicada em 29 de setembro de 1933.

se pode perceber ao ler a publicação que a aparece no O Jornal da cidade de Natal, publicada no mês posterior às notas acima:

Não é um nome desconhecido o de Malba Tahan, *conteur* brillantíssimo e collaborador assíduo dos principais jornaes do Brasil. Vem agora elle de afixar n'um elegante volume uma serie de seus deliciosos contos. São páginas de um colorido proprio, onde ao lado da ambiencia propria, avulta a moral, a intelligencia e a argucia dos habitantes dos desertos, que vão da Arabia ao alto Egyto. Malba Tahan possui o segredo que extasia aquelle que percorreu Maupassant: é um contista perpétuo, imaginação fértil, viva e criadora; uma logica e uma technica perfeitas. Em bello formato material (...) se acha exposto á venda (...)¹⁴

Essa aceitação é evidenciada se verificarmos as publicações do autor após descoberta da mistificação. Entre os anos de 1933 e 1939, apenas como marco para exemplificação, foram publicados ou reeditados mais de quinze títulos¹⁵ assinados por Malba Tahan, além de vinte e nove didáticas para o ensino de matemática, assinadas por Júlio César de Mello e Souza. Aceitação que ainda hoje pode ser percebida ao vermos estantes em diversas bibliotecas com as obras do árabe, assim como, se abrirmos qualquer site de venda de livros e fizermos uma pequena busca vamos encontrar com facilidade seus títulos ainda à venda.

Seus trabalhos envolvendo literatura e matemática são reconhecidos ainda hoje pela linguagem intrigante, envolvente e que gera o sentimento de sempre estar a descobrir algo novo. Essa ligação entre os saberes poéticos e exatos fizeram de Malba Tahan um dos mais reconhecidos literatos da linha infantil. Premiada duas vezes pela Academia Brasileira de Letras, 1930 com o livro *Céu de Alá* e 1939 premiado o livro e

¹⁴ Nota publicada em 14 de outubro de 1933.

¹⁵ **1933:** Mil Histórias Sem Fim I. 2ª edição; Mil Histórias Sem Fim II. 1ª edição; Lendas do Deserto. 2ª edição; Lendas do Céu e da Terra. 1ª edição; Lendas do Oásis. 1ª edição; **1935:** Lendas do Céu e da Terra. 2ª edição; Maktub. 1ª edição; **1936:** Alma do Oriente. 1ª edição; **1937:** Novas Lendas do Deserto. 1ª edição; Minha Vida Querida. 1ª e dição; **1938:**O Homem que Calculava. 2ª edição; Lendas do Céu e da Terra. 3ª edição; Lendas do Céu e da Terra. 7ª edição; **1939:**O Homem que Calculava. 3ª edição.

best-seller *O Homem que Calculava*. Em seu discurso durante a entrega do prêmio ao livro *O Homem que Calculava*, Júlio César de Mello e Souza destacou o fato de que a menção honrosa dedicada pela Academia à obra representava algo inédito nos anais da literatura mundial. Segundo ele, era a primeira vez que um livro de fantasia tecido em torno da Matemática era merecedor de valioso reconhecimento dos imortais.

a Academia Brasileira de Letras outra coisa não fez, senão reabilitar a Matemática perante homens de espírito e de talento, os burilados do Verso, os arquitetos da Frase – e demonstrar, de forma eloquente e generosa, que a ciência de Lagrange – na sua beleza e simplicidade, pode viver e florir em perfeita harmonia com a Literatura. (SIQUEIRA FILHO, 2008, p.55)

Essa duplicidade biográfica é algo inerente a Mello e Souza, desde jovem, na cidade de Queluz, atribuía nomes fantasias a seus trabalhos. Um dos primeiros foi Salomão IV quando, aos treze anos de idade editava uma revistinha denominada ERRE. Depois criou R.Slady, seu primeiro pseudônimo de um jornalista americano criado para conseguir publicar seus textos no jornal *O Imparcial*. Contudo, o de maior renome e alcance foi o do árabe Ali Iezid Izz-Edim Ibn Salim Hank Malba Tahan.

Hoje, o Instituto Malba Tahan, instalado em Queluz, tem como objetivo manter a memória do autor, contudo, seus arquivos, assim como outros de posse de sua neta. Mesmo Moysés Golçalves, citado ao longo deste texto, em sua tese de doutorado, assinala as dificuldades encontradas para poder estudar parte do acervo deixado pelo autor. Documentos que guardam informações que poderiam auxiliar no melhor entendimento do mesmo, como indivíduo ou personagem, assim como do período no qual estava inscrito, pois, como colocou Sevscenko, é impossível entender, conhecer uma árvore e seus frutos sem conhecermos e levarmos em consideração o solo e o ar que os envolve.

Bibliografia:

DEPOIMENTO de Malba Tahan, 1973, Museu da Imagem e do Som. In. OLIVEIRA, C.C. Do menino “Julinho a Malba Tahan”: uma viagem pelo oásis do ensino da matemática. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática), Universidade Estadual Paulista - Unesp. Rio Claro, 2001.

LEVILLAN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In, REMOND, Rene. Por uma História Política. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

LORENZATO, Sérgio. Um (re)encontro com Malba Tahan. Zetetiké/Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Círculo de Estudo, Memória e Pesquisa em Educação Matemática, ano 3, n. 4, novembro (1995) – Campinas, SP. UNICAMP – FE – CEMPEM, 1995.

MENEZES, Raimundo. Dicionário Literário Brasileiro. 2.ed. Vol.3. LTC, 1978.

PEIXOTO, Silveira. Falam os Escritores. 3.v. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1971-1976.

SIQUEIRAFILHO, Moysés Gonçalves. Ali Iezid Izz-Edim Ibn Salim Hank Malba Tahan: Episódios do nascimento e manutenção de um autor-personagem. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação. Campinas, 2008.